



## WITTGENSTEIN E A FILOSOFIA DA LÓGICA: OBSERVAÇÕES SOBRE AS PROPOSIÇÕES TAUTOLÓGICAS

Leandro Sousa Costa

Universidade Estadual do Paraná

Uma das perspectivas de compreensão mais gerais acerca das atividades desenvolvidas pela lógica é o de que ela trata com a discriminação de formas de argumentos válidos dos não válidos. Por essa razão, aquilo que é denominado de sistemas lógicos formais, tanto aquelas no âmbito da silogística – aristotélica – quanto aqueles no âmbito do cálculo proposicional – ou lógica clássica (cálculo sentencial bivalente e cálculo de predicados), estabelecem os cânones que determinam os padrões de validade para a correção do pensamento, ou simplesmente do raciocínio correto. Dessa maneira, a partir da filósofa Susan Haack, pode-se dizer que “a lógica se aplica ao raciocínio independentemente de seu assunto porque ela se ocupa da *forma* dos argumentos, e não do seu *conteúdo*”. Nesse sentido, admitir a lógica, enquanto disciplina filosófica, é tratar dela como um instrumento para a correção do pensamento. Essa é a sua definição tradicional.

Se com Platão (428 a. C. – 347 a. C.) a lógica não se constitui como uma preocupação teórica, por considerá-la uma ferramenta de mediação e não um fim em si mesma, com Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.) será possível verificar uma discussão exaustiva a respeito desse tema. Tais preocupações estão dispostas ao longo dos textos que compõem o *Organon*, e aquilo que fora feito por Aristóteles, em lógica, não sofreu grandes modificações ao longo dos séculos posteriores. Um novo impulso à essa disciplina aconteceu de maneira decisiva nos anos finais do século XIX, com Gottlob Frege (1848 – 1925) e, desde então, a lógica tem recebido uma série de contribuições que a transformaram radicalmente. O exemplo mais emblemático dessa transformação é a proposta fregeana de uma língua formal do pensamento puro modelada a partir da linguagem matemática.



Essa proposta fundamenta a mudança de perspectiva do fazer filosófico, no âmbito do século XIX e XX, que se estabelece, por assim dizer, como um *discurso* sobre as condições de validade dos discursos. Se por um lado isso nos distancia daquela definição clássica de *filosofia* como *amor pela sabedoria*, fortemente vinculada aos primeiros pensadores da filosofia ocidental europeia, por outro é perfeitamente possível notar que a maioria das filosofias, senão todas, são tentativas de *dizer* o que é possível dizer com legitimidade. Ora pois, Aristóteles insiste com veemência na lógica, por meio do silogismo, como um instrumento para provar as formas válidas de raciocínio; Kant (1724 – 1804), por meio de sua filosofia *crítica*, rechaça o discurso metafísico; e Wittgenstein (1889 – 1951), com sua proposta de análise da linguagem, apresenta uma espécie de teoria da proposição. Sei que teoria é uma expressão pouco usual e problemática quando se fala de Wittgenstein – seja ele o primeiro ou o segundo –, mas essa talvez seja a expressão que melhor se enquadra no texto neste momento.

Sabendo disso, a proposta dessa comunicação é a de esboçar algumas observações introdutórias a respeito lógica no pensamento wittgensteiniano do *Tractatus Logico-Philosophicus*. Mais especificamente vou me ocupar de um tema que se situa no âmbito da filosofia da lógica *tractariana*. Estritamente falando, a ideia é tratar, a partir da abordagem feita pelo austríaco, com a noção de *tautologia* enquanto instrumento de designação das proposições lógicas. Por essa razão vou abordar alguns elementos que são discutidos pelo filósofo, acerca dessa questão, e se situam entre os parágrafos 6.1 e 6.4 da respectiva obra. Uma das implicações mais significativas dessa definição é a de que as propriedades das proposições lógicas e dos conceitos da lógica são explicitadas nos símbolos lógicos correspondentes e, por essa razão, jamais poderiam ser expressidos linguisticamente.

Enfim, uma advertência torna-se de fundamental importância, qual seja, quase sempre aquele que se propõe a interpretar Wittgenstein o faz contra a sua vontade, dado que ele é um filósofo assumidamente antissistemático e, adjacente a isso, um filósofo que não esboça uma teoria lógica ou uma teoria sobre a linguagem. É o próprio pensador quem nos recomenda, no aforisma 4.112 do seu *Tractatus*: a filosofia tem por função esclarecer logicamente os pensamentos, torná-los claros e precisos, e apenas isso.